



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 02/02/2018

BRASIL	2
Mercado bajo presión negativa pese a la escasa oferta ganadera.....	2
Rusia compensaría con otros proveedores la falta de carne por la prohibición impuesta a Brasil.....	2
Inspeccionan frigoríficos con faena Halal.....	2
Frigoríficos aumentaron el empleo en 2017.....	3
AFTOSA: cambios en la vacuna se instrumentarán a partir de 2019 - Reducirán dosis.....	3
Cautelar impide el traslado por barco de animales para faena.....	4
URUGUAY	4
El precio del ganado gordo continúa la tendencia alcista.....	4
Varios frigoríficos de la región pueden perder mercado israelí.....	5
Ganados comienzan a sentir la menor cantidad de forraje disponible.....	6
Conflicto: tensión entre gobierno uruguayo y entidades rurales.....	7
Las cuatro medidas que Vázquez anunció para el agro.....	7
Federación Rural acusó al gobierno de ser "insensible".....	8
Vigilia nacional: productores a la espera del gobierno.....	8
Se amplía el escenario de las movilizaciones.....	9
Cupo de Cuota 481 con gran competencia de importación.....	10
PARAGUAY	10
Harán programa para no vacunar más contra aftosa.....	10
Carne paraguaya fue certificada por Retail Consortium (BRC).....	10
Suizos están interesados en llevar más carne paraguaya.....	11
ACUERDO UNIÓN EUROPEA - MERCOSUR	11
Unión Europea estaría dispuesta a ceder y aumentar la cuota cárnica.....	11
UE aumentó oferta de carne a 99 mil toneladas pero aún es "insuficiente".....	11
Rechazo y preocupación de entidades agropecuarias del Mercosur.....	12
IRLANDA presiona para que no se firme el Acuerdo.....	12
COPA COGECA se oponen al incremento del cupo de carnes bovinas.....	13
Aumento del cupo europeo para carne del Mercosur no es gratis: quieren entrar con lácteos.....	13
ESTADOS UNIDOS	14
Existencias en feed lots aumentaron 0.8 por ciento – Recuperaron el nivel de 2012.....	14
Retención de existencias en desaceleración.....	15
Outlook sobre la rentabilidad del sector en 2018.....	15
NCBA: TPP es una oportunidad perdida sin EE.UU.....	16
Precios más altos para la carne importada de los Estados Unidos.....	16
COREA DEL SUR: nuevas oportunidades para los exportadores americanos.....	17
VARIOS	17
CANADA: aprobó el ingreso de carne para manufactura del REINO UNIDO.....	17
AUSTRALIA: Perspectivas de una oferta ganadera ajustada en 2018.....	18
MARRUECOS: aprobó el ingreso de carnes bovinas de RUSIA.....	19
BIELORUSIA: planta realizó el primer embarque para CHINA.....	19
EMPRESARIAS	19
Cargill invierte US\$ 4,2 millones en una planta (EE.UU).....	19



BRASIL

Mercado bajo presión negativa pese a la escasa oferta ganadera

Sexta-feira, 2 de fevereiro de 2018 - Mesmo a proximidade do Carnaval e o início de mês, quando sazonalmente há uma melhora da demanda, as indústrias não têm ofertado preços maiores para o boi gordo.

E, apesar da oferta de boiadas limitada, o que se vê na maioria das regiões pesquisadas pela Scot Consultoria é um mercado pressionado negativamente, guiado pelo baixo consumo de carne bovina.

Na comparação semanal, na média de todas as praças pesquisadas, a arroba do boi gordo caiu 0,8%. Com o lento escoamento da carne bovina, não há interesse dos frigoríficos em alongar as escalas de abate, mesmo com o Carnaval se aproximando.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, houve queda de 10,3% nos últimos trinta dias, enquanto, no mesmo período, em São Paulo a arroba do boi gordo cedeu 1,0%, considerando o preço à vista, livre de Funrural.

Para o curto prazo a expectativa fica quanto à demanda, que é o fator que pode mudar o rumo do mercado do boi gordo.

Rusia compensaría con otros proveedores la falta de carne por la prohibición impuesta a Brasil

Fonte: GlobalMeatNews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.23/01/18 - por Equipe BeefPoint

O governo russo planeja aumentar significativamente as exportações de carne bovina da América Latina (exceto o Brasil) para compensar a potencial escassez de oferta doméstica criada pela proibição das importações de carne de países ocidentais e uma proibição recente da carne bovina brasileira.

O Serviço Federal Russo de Vigilância Veterinária e Fitossanitária (Rosselkhozadzor) removeu uma proibição em 25 de dezembro de 2017 sobre as importações de carne bovina da Colômbia, que havia sido imposta em junho passado devido a focos de febre aftosa.

De acordo com um porta-voz do Ministério da Agricultura da Rússia, o governo está mirando importações de até 10.000 toneladas de carne bovina da Colômbia no primeiro semestre desse ano. Ao mesmo tempo, disse o funcionário, após a proibição da carne brasileira, o ministério quer aumentar as importações de carne bovina da Argentina.

“A Argentina foi um dos primeiros países latino-americanos que expressou sua intenção de aumentar o estoque de carne para a Rússia após o início das guerras de sanções entre a Rússia e o Ocidente”.

De acordo com dados do Ministério da Agricultura, há 10 anos, a Argentina vendeu 150 mil toneladas de carne bovina por ano para a Rússia. No entanto, esses volumes diminuíram significativamente nos primeiros anos desta década.

Mario Ravettino, presidente do Consórcio Argentino de Exportadores de Carne (ABC – Consórcio de Exportadores de Carnes Argentinas), disse em 20 de dezembro em uma reunião do ABC que as negociações com a Rússia sobre a venda de carne resfriada de qualidade superior já estavam em andamento. Ele previu que volumes significativos seriam enviados para a Rússia nos próximos meses.

O entanto, a Argentina pode não ser capaz de exportar volumes no mesmo nível dos do ano passado, uma vez que o seu rebanho nacional se contraiu nos últimos anos após restrições às exportações de carne bovina para limitar a inflação nos preços domésticos da carne bovina, imposta pelo ex-governo argentino. Essas restrições foram removidas pelo governo de Mauricio Macri, que chegou ao poder em 2015.

A indústria da carne bovina da Colômbia comemorou a decisão da Rússia de impor mais carne do país. Quase 30% das exportações colombianas de carne bovina foram para a Rússia em 2017 nos primeiros seis meses deste ano.

“A Colômbia não pode exportar carne para países com acordos de livre comércio, como os EUA e o Mercosul, devido a regulamentos sanitários” não vinculados aos focos, disse Oscar Cubillos, diretor de planejamento no FEDEGAN (Federación Colombiana de Ganaderos), associação colombiana de pecuária nacional.

Inspeccionan frigoríficos con faena Halal

31/01/18 - por Equipe BeefPoint Autoridades dos Emirados Árabes Unidos e da Arábia Saudita estão no Brasil nesta semana para visitar frigoríficos brasileiros que fazem procedimentos de abate halal. A informação é da empresa Cdial Halal, que certifica alimentos conforme requisitos religiosos islâmicos.



Uma comitiva com representantes dos governos e de empresas desses países árabes estiveram na sede da Cdial Halal, em São Bernardo do Campo (SP), na última sexta-feira, 26, e, durante esta semana, vão visitar frigoríficos.

“Eles vieram com o objetivo de estudar o procedimento de abate halal aplicado em aves no País e as certificadoras, responsáveis pelo gerenciamento deste trabalho, como é o nosso caso”, disse, em nota, o diretor geral da Cdial, Ali Saifi.

Na segunda-feira, 29, a comitiva realizou uma reunião na Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), em sua sede em São Paulo.

Frigoríficos aumentaron el empleo en 2017

23/01/18 - por Equipe BeefPoint Após as turbulências de 2015 e 2016, período no qual a restrição de boi gordo e a recessão da economia provocaram o fechamento de mais de 50 frigoríficos e a demissão de 7,9 mil pessoas, a indústria de carne bovina parece ter entrado em nova fase, embalada pela inversão do ciclo da pecuária e pela retomada da economia.

Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) compilados pelo Valor, o saldo de empregos nos abatedouros de bovinos do país ficou positivo em 8,7 mil vagas entre janeiro e novembro – o dado de dezembro ainda não foi divulgado. Trata-se do melhor desempenho desde 2012, quando os frigoríficos geraram 10,2 mil vagas. Dono do maior rebanho do Brasil, Mato Grosso lidera o movimento, seguido por Rondônia, Mato Grosso do Sul, Goiás e Pará (

As vagas criadas no último ano representam um crescimento de 7,5% ante com o estoque de 113,1 mil empregados em abatedouros de bovinos em dezembro de 2016, de acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho.

A tendência é que o saldo de empregos do setor cresça ainda mais, incluindo unidades que serão reabertas neste ano pelo Frigol em Juruena, pela Marfrig em Pontes e Lacerda e pelo Frigoestrela em Rondonópolis, ambos em Mato Grosso. Aos dados também devem ser acrescidos o frigorífico do Rodopa em Cachoeira Alta (GO), que foi arrendado pelo Frigol e voltou a funcionar em dezembro, gerando 380 vagas, segundo o presidente da empresa paulista, Luciano Pascon.

Além da conjuntura econômica favorável e da maior oferta de bois, o ressurgimento de frigoríficos reflete o rearranjo provocado pela delação premiada dos irmãos Batista, donos da JBS. Ao longo do último ano, a empresa entregou três frigoríficos em Mato Grosso que estavam alugados e fechados há alguns anos. Entre as plantas estavam as de Juruena e Pontes e Lacerda – que agora serão reabertas.

“Com essa saída da JBS, você traz um novo cenário a essas regiões”, avalia o pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), vinculado à Escola de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), Thiago Bernardino de Carvalho. Para ele, a concentração do setor restringia as alternativas aos pecuaristas do país.

No Mato Grosso, a JBS chegou a ter mais de 50% da capacidade de abate – incluindo unidades abertas e fechadas -, conforme o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Frigoríficos da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, concluído em 2017.

Conforme o pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso (UMFT), Ernani Pinto de Souza, a maior concorrência no setor é positiva, mas exige competência dos novos entrantes. “A JBS está tentando retomar a credibilidade”, diz.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

AFTOSA: cambios en la vacuna se instrumentarán a partir de 2019 - Reducirán dosis

01/02/18 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) definiu nesta quarta-feira (31) que em maio de 2019 começará a ser aplicada a vacina contra a febre aftosa de 2 ml. Todo o calendário de vacinação deste ano segue sem mudanças, em maio e em novembro, com a vacina de 5 ml.

A forma de aplicação do produto, no entanto, deverá ser preferencialmente subcutânea (abaixo do couro do animal) e não intramuscular, já a partir da primeira fase de vacinação em maio próximo, para maior eficiência do produto e para evitar perdas no abate.

Integrantes da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) e da iniciativa privada avançaram nos entendimentos sobre mudanças na vacina. Segundo o secretário de Defesa Agropecuária, Luis Rangel, é preciso cautela, medidas técnicas e estudos científicos, pois o Brasil está em fase final de erradicação da aftosa e de reconhecimento de país livre da doença com vacinação, status que deverá ser obtido internacionalmente, no próximo mês de maio, junto à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE).

O diretor de Departamento de Saúde Animal (DSA), Guilherme Marques, disse que o setor produtivo mostra maturidade e a convicção de que tudo deverá ser feito dentro de critérios técnicos. “Não se trata apenas de redução de uma dose da vacina, pois implica em mudança do processo de produção, exigindo, além dos testes laboratoriais, testes de eficácia no campo”, explica.



Marques informou que existe o pleito do setor privado de que animais com mais de 30 meses não sejam vacinados, o que depende de decisões técnicas e científicas. “O setor deve apresentar seus argumentos para a mudança”. E explicou que o pleito pode ser incluído ainda neste ano na revisão da Instrução Normativa 44, que fixa normas do programa da febre aftosa, para viabilizar mudança na vacina e para que estados revisem suas legislações.

A retirada completa da vacinação deverá acontecer a partir de 2023, processo que será finalizado em 2026, conforme prevê o Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA).

23/01/18 - por Equipe BeefPoint A Instrução Normativa nº 11 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), publicada no Diário Oficial desta segunda-feira (22) autorizou a redução da dose da vacina contra a aftosa de 5 mililitros para 2 mililitros. Um dos principais objetivos na mudança da vacina será a injeção de menor volume de óleo mineral, com conseqüente redução de reações locais.

Alguns países, como Argentina, Uruguai e Bolívia já adotam essa prática, com resultados satisfatórios, tanto em relação à diminuição às reações, quanto na preservação da potência da vacina. Em que pesem essas experiências, a adequação dos métodos de controle de potência e de tolerância que serão submetidas cada partida de vacina produzida, garantirão a eficácia e a segurança do produto.

O componente oleoso, que tem a finalidade de promover imunidade mais longa, é também um dos principais responsáveis pela indução de reações do tipo alérgica no local da aplicação.

Considerando a não ocorrência de focos da doença no país, desde 2005, e a tendência de suspensão gradativa da vacinação, a área técnica do Mapa concluiu não haver necessidade de utilização de vacinas que induzam resposta rápida, mas que assegurem a manutenção de resposta longa.

Dessa forma, também foi alterada a avaliação da potência de cada partida de vacina de 28 para 56 dias pós-vacinação, para as vacinas já registradas, e a implantação da avaliação aos 168 dias pós-vacinação, além da avaliação aos 56 dias, para vacinas em processo de registro ou de alteração pós registro.

A atualização do teste de estabilidade da emulsão visa melhor avaliar a qualidade da produção da vacina no que refere à consistência do processo de emulsificação para garantir a emulsão água em óleo. Isso, em razão da alteração do volume do conteúdo da vacina nos frascos, gerada pela redução da dose e da mudança na densidade da fase aquosa, em razão da alteração na proporção da massa antigênica dos antígenos “O” e “A”, ocorrida após a recente retirada do vírus “C” da composição da vacina.

O teste de tolerância é realizado por meio da vacinação de um grupo de animais e posterior observação no local da aplicação, de eventual ocorrência de nódulos, os quais devem ser mensurados. A metodologia atual prevê a vacinação pela via intramuscular profunda que, por essa razão não possibilita uma visualização adequada de nódulos, nem permite mensuração de forma adequada. A mudança para a via subcutânea permitirá avaliação mais eficiente.

Cautelar impide el traslado por barco de animales para faena

01/02/18 - por Equipe BeefPoint Após entrar com uma ação civil pública, a ONG Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal conseguiu suspender a saída de um navio da Minerva do Porto de Santos, que embarcara cerca de 9.500 cabeças de gado para exportação. A liminar foi concedida pelo Juiz Federal Djalma Moreira Gomes, da 25ª Vara Cível Federal de São Paulo.

O juiz acatou a alegação de que o transporte marítimo de animais vivos caracteriza uma situação de maus-tratos, conferindo uma inconstitucionalidade no Brasil, e autorizou vistoria do navio para elaboração de laudo técnico, a fim de atestar as condições às quais os animais são submetidos.

“Nos longos trajetos percorridos em alto mar, não é possível garantir nem mesmo os requisitos mínimos de bem-estar animal, e muito menos os padrões estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), à qual o Brasil é signatário”, afirma Patrícia Sato, médica veterinária e coordenadora de bem-estar de animais de produção do Fórum Animal. “Estamos atuando contra a exportação de gado vivo desde 2016, apontando as diversas irregularidades dessa atividade, para que não passe mais despercebido pelos brasileiros”.

Em dezembro, um carregamento de 27 mil cabeças de gado foi embarcado em Santos com destino a Turquia, o que gerou críticas de grupos defensores dos animais.

Segundo a ativista, ações similares têm sido realizadas com apoio de ONGs locais em outros portos de saída de animais vivos do país, no Pará, Maranhão e Rio Grande do Sul.

Na terça-feira, a empresa já havia sido multada em R\$ 1,4 milhão por supostos maus-tratos aos animais.

URUGUAY

El precio del ganado gordo continúa la tendencia alcista

Febrero 2, 2018 Ritmo de negocios se desaceleró; falta de lluvia y llegada de Carnaval serán claves
Por Blasina y Asociados, especial para El Observador



El mercado del ganado gordo sigue firme, con valores en suba, aunque menos acelerada que en semanas anteriores. La falta de lluvias y la proximidad de la semana de Carnaval serán dos factores clave en los próximos días.

Por lo pronto, las industrias están absorbiendo toda la oferta que aparece independientemente de la calidad del ganado. Y aunque comienza a presionar lentamente la falta de lluvias, los valores marcaron una nueva suba esta semana.

La mayoría de los negocios para novillos gordos se realizan entre US\$ 3,10 y US\$ 3,15 por kilo de carcasa, con ventas puntuales que han llegado hasta US\$ 3,17 por kilo, con ganados especiales y con cargas específicas.

La vaca también continúa muy demandada en todas sus categorías, con un abanico amplio de precios por calidad. Para las más livianas las ventas se concretan entorno a US\$ 2,80 el kilo, y se logra hasta US\$ 2,95 como máximo para la vaca más pesada y con mejor terminación.

En ambos casos, la proximidad de la semana de Carnaval, y la necesidad de agilizar alguna carga, podrían impulsar algún centavo más los valores.

En el mercado de reposición la oferta sigue siendo muy escasa. La exportación en pie está activa, con precios muy similares a los de venta a fines del año pasado. El ternero entero, no muy pesado, se comercializa en el eje de los US\$ 2,10/2,15 el kilo.

Lo que suceda con las lluvias será un factor fundamental en la formación de precios en los próximos días.

Aunque operadores consultados señalan que la oferta de ganado no es abundante, el dato de faena vacuna al 27 de enero aumentó por tercera semana consecutiva y logró el mayor volumen en lo que va del año, con 52.284 animales enviados a planta. Fue 1 % superior que los 51.773 de la semana anterior y 6 % por encima de las 49.265 cabezas de igual periodo del año pasado.

Precio de exportación

El precio de exportación de la carne vacuna a la semana cerrada el 27 de enero se ubicó en US\$ 3.603 la tonelada, 6,7 % superior a los US\$ 3.378 de la semana anterior.

El ingreso promedio en lo que va de este año se ubica en US\$ 3.449 por tonelada, 4 % arriba que en igual periodo de 2017, cuando promediaba US\$ 3.316.

El volumen enviado al exterior en las primeras cuatro semanas del año aumentó 27,6% interanual, con 34.891 toneladas frente a las 27.350 toneladas en igual periodo de 2017.

En el caso de la carne ovina, en la semana cerrada el 27 de enero la tonelada exportada promedió US\$ 4.097, una baja semanal de 24% y el menor valor registrado desde la semana cerrada el 14 de octubre de 2017 (US\$ 4.072).

El ingreso promedio en lo que va de este año se ubica en US\$ 4.757 por tonelada, 10 % más que en 2017, cuando promediaba US\$ 4.319 la tonelada.

Varios frigoríficos de la región pueden perder mercado israelí

27/01/2018 Nuevas exigencias de faena complican la exportación de carne bovina.

El 1° de junio comienzan a regir las nuevas exigencias para las faenas rituales de bovinos con destino a Israel y varios frigoríficos del Mercosur pueden quedar afuera de ese mercado.

“Aún es preocupante el suministro de carne Kósher desde varios frigoríficos de Sudamérica”, aseguró a El País el consultor en faenas para Israel y alimentos producidos bajo la ley Kósher, Felipe Kleiman.

El sistema tradicional de faena, con el animal colgado previo al degüelle no corre más. Argumentando prácticas de bienestar animal, el Ministerio de Agricultura de Israel, estableció la exigencia de instalar cajones rotativos que inmovilizan mecánicamente al vacuno antes de ser degollado sin insensibilización.

El argumento es que esta tecnología causa menor estrés previo al sacrificio. El rabino encargado de desangrar al animal precisa que el vacuno esté quieto, sin movimientos violentos, para poder hacer el corte limpio que le producirá el rápido desangrado y para que la menor presión sanguínea resulte en una pérdida de sangre más completa durante el proceso de sacrificio religioso. El corte debe hacerse dentro de los 10 segundos posteriores a la inmovilización del animal, según establece el reglamento. La especialista y referente en bienestar animal -también es consultora de la industria cárnica mundial-, Temple Grandin, no está en contra de la faena ritual, se opone cuando están mal hechas, causando un dolor innecesario en el animal previo a su muerte.

“En la sociedad israelí el bienestar animal tiene un peso muy grande y no respetarlo es motivo de conmoción social”, explicó el experto que gerenció operaciones bajo la ley Kósher en 20 frigoríficos. La difusión en Internet de un video mostrando una faena Kósher en un frigorífico paraguayo pegó duro en los consumidores y los grupos defensores del bienestar animal, se hicieron sentir con sus protestas.

Esa presión, provocó que el Servicio Veterinario de Israel reaccione comunicando que a partir del 1° de enero de 2016 comenzaría a exigir los cajones de inmovilización rotativos para las faenas rituales de vacunos cuyos delanteros, pero no reglamentó la decisión. Los frigoríficos abastecedores de todo el mundo protestaron contra esa exigencia, pero como no estaba la reglamentación, todo siguió igual. En



2017 surgió la reglamentación de la norma escrita. A partir del 1° de junio de 2018 se deben instalar los cajones rotativos de inmovilización y usarlos en las faenas de animales para Israel.

“Hoy no se trata de postergar la medida por medio año más. El Ministerio de Agricultura de Israel asumió el compromiso con la Suprema Corte de que a partir de 1° de junio 2018 no corre más el método de faena antiguo. Eso es lo que debería hacer que los frigoríficos tomaran en serio el tema”, dijo Kleiman a El País.

Preocupación. El consultor en faenas y alimentos Kósher, recordó que Uruguay siempre mostró resistencia a esta nueva exigencia y en Argentina, de los 17 frigoríficos que exportan carne Kósher, “quizás 10 están por el buen camino y tienen encargado el equipo o proyectos de reforma de la planta”, afirmó. “En el Mercosur avanza el interés por instalar los equipos pero todavía hay riesgo de que algunas plantas pierdan la fecha límite.

Los cajones rotatorios demoran dos o tres meses para ser producidos”, advirtió Kleiman que realiza consultorías en proyectos de adecuación de frigoríficos para exportar a Israel y en equipamientos y soluciones industriales para faena Kósher. Según dijo, el costo de los equipos va de US\$ 120.000 hasta 120.000 euros, en este último caso si son comprados a fábricas europeas que son referentes en la materia.

Kleiman sostiene que hay equipos hechos en Brasil a partir de US\$ 125.000 o US\$ 130.000. “La industria brasileña tiene alguna fábrica que es capaz de hacer buenos equipos y la argentina también”, dice el consultor.

Mercado. El consumo de carne en Israel “está aumentando”, según la visión del entrevistado. Años atrás las importaciones rondaban las 80.000 toneladas, pero hoy se supera ese volumen. Según los datos proporcionados por Kleiman a El País, de junio de 2016 hasta junio de 2017, la importación de carne bovina ya estaba en 90.000 toneladas y casi el 85% de ese volumen salió de frigoríficos del Mercosur. “Una parte pequeña sale de Polonia, que hizo en el mismo período 11.700 toneladas contra 23.000 toneladas de Uruguay”, reconoció.

Uruguay tiene 10 plantas habilitadas -tiene menos frigoríficos habilitados que Argentina-, pero exporta 23.000 toneladas anuales. Argentina tiene 17 plantas habilitadas y coloca 20.000 toneladas.

Pero hay otra ventaja a favor de Uruguay y según Kleiman es que “tiene contratos más largos con Israel y el menor tiempo de detención de las faenas cuando los grupos de rabinos se van por las festividades”.

El consultor sostiene que la industria uruguaya “debería dar el ejemplo” y tomarse “más en serio las nuevas exigencias de Israel”. Es más, argumenta que pensar que Israel precisa que Uruguay le exporte delanteros, “es un error estratégico”.

Kleiman asegura que es al revés, “Uruguay necesita venderle delanteros a Israel”, destacó. La dependencia que se manejaba antes “expiró”, sostuvo.

Exportación Genera al año unos US\$ 133 millones.

Uruguay vende 23.650 toneladas anuales al mercado israelí -son delanteros bovinos- a US\$ 5.650 por tonelada a partir de 10 frigoríficos habilitados que reciben a los equipos de rabinos encargados de realizar y supervisar las faenas. Este mercado genera anualmente alrededor de US\$ 133 millones.

El consultor en faenas y alimentos Kósher para Israel, Felipe Kleiman, aseguró a El País que “los números de exportación justifican la inversión en los nuevos equipos de inmovilización electrónica” que pide el Ministerio de Agricultura de Israel.

Pero más allá del costo de los equipos -que además son hechos por pocos proveedores en el mundo-, la barrera para varios frigoríficos uruguayos está en las reformas que se deben hacer en las plantas para poder instalar el nuevo sistema de inmovilización mecánico. En muchos casos, no hay espacio para esas reformas o son muy costosas de realizar, pero además tienen la ventaja de poder redireccionar los delanteros a otros destinos, sin necesidad de atender todos los detalles que exige una faena ritual como la kósher y sus estrictas certificaciones de todos los procesos. En la otra vereda, algunas empresas que habitualmente tienen negocios con la comunidad judía en el mundo, deberán ajustarse a la nueva normativa para poder continuar exportando y abastecer clientes de larga data, con los que han generado confianza.

Ganados comienzan a sentir la menor cantidad de forraje disponible

01/02/2018 - Cargas altas en el norte y menos pasto al entrar al invierno.

Ganado vacuno, hombres a caballo arreando el ganado, gauchos, peones, foto Pablo D Mestre, 201610— Varios predios ganaderos del norte del país van a entrar al otoño con una situación forrajera deficitaria y las haciendas ya están sintiendo el déficit.

Ajustar las cargas ganaderas, principalmente en los campos de basalto del litoral norte — donde está gran parte de la cría—, será una medida fundamental para poder entrar al otoño y pese al menor volumen de lluvias durante la primavera y el verano, acumular algo de forraje para el invierno.

Marcelo Pereira, coordinador del Instituto Plan Agropecuario para la zona norte, que comprende a los departamentos de Artigas, Salto y Paysandú, dijo a El País que en los tres departamentos “hay menos de



tres centímetros de altura de forraje, con un porcentaje de forraje verde que no supera el 5%”, aseguró el técnico.

Eso quiere decir que está todo amarillo y los ganados “están empezando a sentir la situación”, agregó. Según Pereira, el déficit hídrico comenzó a partir de noviembre, “donde las tasas de crecimiento comienzan a sentirse y en diciembre, las tasas promedio nos muestran que el pasto creció 20% por debajo de lo normal”. Ese promedio abarca los establecimientos que tuvieron buen régimen de lluvias y los que no lo tuvieron.

Las lluvias fueron muy dispares, con predios que recibieron 150 milímetros y otros que apenas recibieron 30 y hasta algo menos. “En Artigas y Salto hay predios complicados”, afirmó Pereira a El País.

Otoño. El panorama no es bueno: se entrará al otoño con menos pasto de lo normal y eso se paga. “Monitoreamos 17 establecimientos por proyectos del Fondo de Transferencia de Tecnología Agropecuaria (FPTA/INIA) y la altura del pasto a la salida del invierno es de 4 o 5 centímetros, la altura en el verano estaba igual”, comentó el técnico. Desde su punto de vista, no se acumuló forraje por dos situaciones, porque las tasas de crecimiento se resintieron a fines de noviembre y porque “posiblemente los establecimientos estén con cargas más altas”, estimó el coordinador del IPA para la regional norte.

Si esos predios ajustan la carga y febrero viene con un régimen de lluvias normal, entrarán al invierno con una altura de pasto de 5 centímetros, el resto tendrá muy baja disponibilidad de forraje para enfrentar esa estación. En esta situación, “la condición corporal de los ganados va a caer sensiblemente. Hoy nos tenemos que dedicar como vamos a encarar el invierno y cómo ajustar carga”, aseguró Pereira.

Medidas. Los técnicos del IPA sostienen que la mejor forma de tomar decisiones acertadas es haciendo diagnóstico de actividad ovárica sobre el rodeo de cría, para poder tomar medidas como el destete precoz o temporario. Ambos permitirán que las vacas que hoy no están presentando celo en forma regular, puedan comenzar a cumplir con su ciclo estral y volverse a preñar. Según los veterinarios que están dedicados a la cría y a los diagnósticos de gestación, en el norte hay mayor porcentaje de vacas en anestro profundo (sin cumplir con su ciclo de celo cada 21 días como debería ser).

Las cargas ganaderas, dependiendo de la decisión de cada empresa, se pueden ajustar sacando las vacas vacías o si viene bien febrero en cuanto a lluvias, alargar el invierno y venderlas preñadas. “La única forma de juntar pasto es con la carga ajustada, de otra forma no se puede”, afirmó Pereira.

El viernes, en Paysandú, precisamente en el Club de Golf —Ruta 90, km 6,5— se desarrollará una charla técnica que buscará orientar a los productores para mejorar los entores y mostrará las herramientas para mejorar la situación de los predios, asegurarse la condición corporal del ganado y evitar pérdidas productivas.

Conflicto: tensión entre gobierno uruguayo y entidades rurales

Las cuatro medidas que Vázquez anunció para el agro

Enero 29, 2018 Están enfocadas en los pequeños y medianos productores del sector lechero, arrocero y hortofrutícola

El presidente Tabaré Vázquez anunció una serie de medidas enfocadas en los pequeños y medianos productores del sector lechero, arrocero y hortofrutícola. A pesar de los anuncios, las gremiales no quedaron contentas con los anuncios y reclaman medidas para todos los sectores.

“Atendiendo a la realidad heterogénea, las medidas de aplicación inmediata están destinadas a impactar en aquellos sectores que presentan mayores dificultades”, dice el documento entregado a las gremiales este lunes.

Rebaja del gasoil

El gobierno anunció una devolución total del IVA incluido en las compras de gasoil para los productores de los tres sectores mencionados que no tributen el Impuesto a la Renta de la Actividad Económica (IRAE) y comenzará a regir a partir del 1º de marzo y durará un año.

Según las estimaciones de Presidencia, el 90% de los productores (unos 5.500) serán alcanzados por esta medida. Las devoluciones se instrumentarán en efectivo a través de una cuenta bancaria o por redes de cobranza. Esta rebaja se concretará a través de un proyecto de ley que será enviado este lunes al Parlamento.

Rebaja de la tarifa eléctrica

Para el sector lechero, el gobierno anunció una rebaja del 15% entre enero y marzo de 2018. Esta medida ya se venía aplicando en 2017. El anuncio abarca unos 3.600 productores de leche e industria láctea.

En el sector arrocero la rebaja será entre noviembre de 2017 y marzo de 2018 y estará destinada a los productores regantes. Según estima el gobierno, esta medida beneficiará a 350 productores (80% arroceros y el resto de otros rubros).

Lea también: Vázquez da marcha atrás y recibe a los autoconvocados

En la industria arrocera también se realizará una rebaja con la condición de que sea trasladada a la reducción de costos para los productores arroceros.

Fondo de garantía lechero



El gobierno pretende generar un fondo de garantía para el reperfilamiento de las deudas del sector. La idea es brindar la posibilidad de acceder a créditos de instituciones de microfinanzas para cancelar deudas con proveedores de insumos y servicios. El tema ya está siendo tratado en el Parlamento.

Congelación de la renta para productores familiares lecheros

El valor de la renta lechera del Instituto Nacional de Colonización se mantendrá en el vencimiento abril-mayo en los mismos valores que octubre-noviembre 2017. Es decir, el valor de lo que los productores le pagan a Colonización, que subía año tras año, se mantendrá.

Federación Rural acusó al gobierno de ser "insensible"

Enero 29, 2018 La gremial entiende que son "insuficientes" las medidas que propuso el presidente Tabaré Vázquez

La Federación Rural (FR), cuyos directivos y presidentes de las instituciones federadas se reunieron este lunes, evaluó las medidas que el gobierno propuso al sector, las que se consideraron como "insuficientes", por lo que se entiende que quedó demostrado "una vez más" que existe "insensibilidad e incomprensión" sobre la situación de los productores agropecuarios.

En otro orden, se decidió seguir acompañando las distintas medidas de movilización que se han establecido por parte de los productores autoconvocados, inicialmente la vigilia establecida para este miércoles y jueves.

También se decidió convocar a una asamblea de presidentes de instituciones federadas en la que, con la presencia de los integrantes del consejo directivo de la FR, se "profundizarán los pasos a seguir".

Lea también: Las cuatro medidas que Vázquez anunció para el agro

El comunicado completo de la FR

Reunidos en el día de la fecha, el Consejo de la Federación Rural, con la presencia de Presidentes de Federadas, se toma conocimiento de las medidas anunciadas por el Poder Ejecutivo para el sector agropecuario.

En forma inmediata, se analiza la incidencia de cada una de ellas en los diferentes sectores y las consecuencias que las mismas tendrán.

De este análisis se concluye, que las medidas propuestas son insuficientes para la real situación en la que se encuentra todo el sector agropecuario.

Queda demostrado –una vez más– la insensibilidad e incomprensión del gobierno con los productores rurales.

Se concluye que se seguirá acompañando las medidas de movilización que se están llevando a cabo en todo el país, y se convoca para los próximos días a una Asamblea de Presidentes de Federadas con el Consejo de Federación Rural –en el interior del país–, donde se profundizarán los pasos a seguir de acuerdo a las circunstancias.

Vigilia nacional: productores a la espera del gobierno

Febrero 1, 2018 Los autoconvocados se concentraron en cerca de 300 puntos en todo el país

Miles de productores en todo el país volvieron a salir a las rutas para movilizarse y enviarle una señal al gobierno. En lo que denominaron como una "vigilia" a la espera de respuestas del Poder Ejecutivo, el movimiento de autoconvocados reunió productores, transportistas, trabajadores rurales y allegados en cerca de 300 puntos del país al costado de las rutas nacionales.

La convocatoria tenía como objetivo demostrarle al gobierno que están "a la espera" de una respuesta, luego de haberle entregado la proclama leída en Durazno durante el acto del 23 de enero. A pesar de que el presidente Tabaré Vázquez recibió al movimiento y anunció una serie de medidas para tres sectores del agro, los autoconvocados volvieron a movilizarse este miércoles porque existe un "malestar generalizado".

Si bien la convocatoria nació de los productores rurales, entre los manifestantes se encontraban muchos trabajadores del transporte de carga que reclamaban especialmente una rebaja del combustible. En las concentraciones de Montevideo y en Paysandú los transportistas fueron mayoría. Sobre el mediodía de este miércoles los primeros productores comenzaron a movilizarse en departamentos como Treinta y Tres y Cerro Largo. A medida que avanzaba la tarde otros puntos del país se sumaron a la movilización.

A las 20 en todos los puntos se entonó el himno nacional como se había realizado en el acto en Durazno y al caer la noche en varios puntos se prendieron fogones para cocinar corderos o asados. El objetivo era pasar la noche en el lugar y levantar la movilización a partir del mediodía de este jueves.

En Tacuarembó, el ingeniero agrónomo, Eduardo Blasina, que fue uno de los oradores del acto del 23 de enero, habló ante los productores que se congregaron en la ruta 5 y la ruta 26 en El Tacuaral. Blasina advirtió que el "gran riesgo" que corren los autoconvocados es el de "cansarse" y pidió que mantengan el "respeto". "A ustedes los van a querer dividir. Ni se dividan ni abandonen la lógica del respeto", apuntó.

Blasina insistió con cuestionamientos a la política exterior del gobierno y pidió que se avance en los tratados de libre comercio que están trancados. A modo de ejemplo mencionó el acuerdo de libre comercio con Chile que fue firmado por el presidente Vázquez pero espera para ser ratificado por el



Parlamento porque varios sectores del Frente Amplio se oponen. "Por favor respeten al conjunto de la población, a los que quieren exportar y tomen de una vez una decisión", dijo. El oficialismo decidirá sobre estos temas recién en abril cuando se convoque a un Plenario Nacional para tratar la política exterior en su conjunto.

Por su parte, el ingeniero agrónomo, Marcelo Nougué, uno de los voceros del movimiento estuvo recorriendo los puntos de reunión que se definieron en Paysandú y se encontró con "muchas gente entregada". "Me decían vendo todo y no trabajo más", contó a El Observador. Durante la tarde lo que primó en ese departamento fueron conversaciones sobre la problemática en general y sobre los problemas que enfrentan cada uno de los productores, según relató el vocero.

El movimiento de autoconvocados surgió a principios de enero en Paysandú a partir de un grupo de productores que se organizó para hacerse escuchar luego de que el gobierno decidiera postergar para 2018 la reunión con las gremiales rurales que había sido solicitada en noviembre. Esta es la segunda movilización general que realizan, luego del masivo acto en Durazno, con el objetivo de presionar al gobierno para que brinde respuestas. "La primera evaluación es muy positiva", agregó Nougué.

Este sábado cerca de 200 delegados de todo el país se volverán a reunir en Durazno para evaluar lo realizado y definir los pasos a seguir. Los autoconvocados fueron invitados por Vázquez a integrar una mesa de diálogo, que se instalará después de la semana de carnaval, para analizar la proclama leída en Durazno y tratar de buscar nuevas soluciones. El lunes el mandatario se reunió con las gremiales del agro y anunció una serie de medidas para el sector lechero, el arrocero y los hortofrutícolas. Sin embargo, tanto las gremiales como los autoconvocados consideraron insuficientes las señales del gobierno y anunciaron que la conflictividad irá en aumento.

Entre los principales reclamos está bajar el costo del Estado, aumentar el tipo de cambio y obtener rebajas en el combustible y la tarifa eléctrica.

Luego de casi un mes de movilizaciones, con concentraciones en todo el país y un acto masivo en Durazno, el movimiento de autoconvocados debe definir estrategias para mantener el tema y sus reclamos en la agenda mediática si pretende que el gobierno le ofrezca otro tipo de respuestas.

Se amplía el escenario de las movilizaciones

Febrero 2, 2018 El comienzo de este año encontró al campo movilizado con una iniciativa que arrancó el 8 de enero y que al terminar el mes logró la adhesión de las gremiales rurales y que el presidente Tabaré Vázquez los recibiera. Además, consiguió la incorporación del comercio e industrias que se sumaron este miércoles y jueves a la vigilia en las rutas, como fue en Paysandú.

Allí instalaron sus campamentos junto a los productores y pretenden estar integrando la mesa del movimiento de autoconvocados Por un solo Uruguay, para lo cual habrán de concurrir este sábado a Durazno a la reunión de delegados, adelantó a El Observador Agropecuario Federico Holzmann.

Se trata de sumar a otros sectores que también están pasando por un momento muy complicado, "y la vigilia lo que ha hecho es fortalecer el vínculo entre el campo y la ciudad", opinó el productor.

Las gremiales han estado muy atentas a la evolución del descontento rural y han llevado adelante una acción integrada con el movimiento de productores. Fue así que el pasado lunes concurren a la Presidencia de la República con los puntos planteados en la proclama del 23 de enero en Durazno.

Pero las medidas que anunció el presidente Vázquez fueron consideradas insuficientes, inclusive insensibles con el campo, como lo definió en un comunicado la Federación Rural.

Fueron medidas sectoriales e insuficientes, declaró el vicepresidente de la Asociación Rural del Uruguay, Gerardo García Pintos, quien llevó la representación de esa institución a la reunión con el mandatario.

Además, expresó en twitter que la ARU se adhería a las vigiliadas y se comprometió a acompañar a los productores de Lavalleja y Florida. Afirmó que "tiene esperanzas" (en estas movilizaciones) y advirtió que no "podemos perder esta oportunidad de que el país despierte".

Los productores autoconvocados que fueron recibidos por Vázquez el pasado viernes 26, no fueron invitados a participar de la reunión que mantuvo el mandatario con seis gremiales el 29.

Sin embargo, fueron finalmente convocados por el presidente para integrarse a las mesas de trabajo que serán definidas luego de la semana de Carnaval. Ese un punto que la reunión de delegados de Durazno de este sábado evaluará para definir cómo asume esa responsabilidad. Las expectativas son buenas, pero las medidas que anunció están muy lejos de lo que se necesita en el sector, remarcó Holzmann.

Para los productores arroceros, las medidas oficiales debieron tener una magnitud mayor y una extensión más prolongada, aseguró el presidente de la Asociación Cultivadores de Arroz (ACA), Alfredo Lago ..

Las medidas

Las medidas anunciadas por Tabaré Vázquez se resumen en descuento del IVA en las compras de gasoil para quienes tributan Imeba en el rubro arroz, lechería y horticultura. Regirá desde el 1° de marzo por un año. Rebaja de 15% en las tarifas de energía eléctrica para el sector lechero entre el 15 de enero y marzo próximo y para los productores regantes arroceros entre noviembre de 2017 y marzo de 2018 e industria



arrocera con la condición de que sea trasladado a los productores. También congelarán las rentas de Colonización y crearán un fondo de garantía para los lecheros, que se procura desde hace varios meses.

Cupo de Cuota 481 con gran competencia de importación

01 de febrero de 2018 Se espera que el tercer trimestre de la cuota de carne de alta calidad 2017/18 (HQB) se complete en dos semanas. La menor asignación del segundo trimestre llevó a una acumulación de más de 4.000 toneladas de carne vacuna esperando la apertura del tercer trimestre el 2 de enero.

Después de que se haya completado el cupo del segundo trimestre de 2017/18 de HQB en poco más de un mes a principios de noviembre de 2017, el tercer trimestre se abrió el 2 de enero de 2018. Al día siguiente, la base de datos de aduanas indicó que 4.002 toneladas de carne vacuna que supuestamente llegaron a los puertos de la UE a fines de 2017, estaban esperando ser asignadas.

Para el 17 de enero, la base de datos de aduana mostraba 7.580 toneladas de importaciones de carne vacuna asignada, con otras 397 toneladas a la espera de asignación. Eso deja 3.272 toneladas de cupo disponible hasta el 1º de abril cuando se abre el último trimestre para el año de cuota actual.

Si bien el tercer trimestre del HQB siempre ha tenido la tasa de relleno más lenta y no se ha utilizado en su totalidad en años anteriores, la tasa actual de importación sugiere que este año es probable que se llene para el 20 de enero aproximadamente. Además de la creciente demanda a pesar de la menor disponibilidad de cuotas, la competencia de importación ha aumentado, ya que Argentina está aumentando rápidamente su producción y ha disminuido la oferta en Australia.

PARAGUAY

Harán programa para no vacunar más contra aftosa

27 DE ENERO DE 2018 | SENACSA CONSENSUARÁ CON SECTORES AFECTADOS

El Senacsa hizo una serie de reuniones con distintos sectores afectados por la vacunación de bovinos y esta semana entrante estaría presentando un programa que apunte a dejar de vacunar contra la fiebre aftosa en nuestro país, informó el titular del ente sanitario estatal, Hugo Idoyaga.

Animal (Senacsa) mantiene varias reuniones con organizaciones del sector privado como el gremio de los ganaderos, de la industria cárnica y empresas importadoras de vacunas, con el objeto de escuchar opiniones y puntos de vista a ser tenidos en cuenta en un programa que apunta a dejar de vacunar contra la fiebre aftosa en unos cinco a seis años.

“Escuchamos opiniones que permitan incorporar temas que por ahí se nos pudieron haber pasado y tratar de prever todo en un programa que tenga el menor fallo posible”, dijo Idoyaga.

Señaló que una vez que tengan consensuado el programa al que se incorporarán las sugerencias, se pondrá a la consideración pública. “Queremos socializar para que no quede algún tema pendiente. Creo que a mediados de la próxima semana vamos a hacer el lanzamiento y dar a conocer un programa para dejar de vacunar contra la fiebre aftosa. Sería de aquí a cinco o seis años de plazo. Ya hay una agenda que vamos a poner a consideración de todos los sectores afectados”, puntualizó el funcionario estatal.

Mencionó que hay presión a nivel regional para dejar de vacunar contra la fiebre aftosa.

Al inicio de la presente campaña de vacunación contra la fiebre aftosa y la brucelosis bovina, Idoyaga advirtió, no obstante, que “dejar de vacunar no significará un ahorro, ya que es más costoso generar consciencia en todos los ciudadanos del país. Consciencia no solamente de los productores, también de nuestras autoridades que deben entender y mentalizarse de la nueva situación”, dijo y agregó que “dejar de vacunar significará tener mayor presupuesto para actividades de vigilancia, reforzar los controles y respetar las reglas sanitarias de manera real, indeclinable”.

Carne paraguaya fue certificada por Retail Consortium (BRC)

02/02/18 - por Equipe BeefPoint Informação divulgada nesta quinta-feira (1º) pela Câmara Paraguaia da Carne (CPC) anima o comércio interno. O país recebeu a certificação sanitária do British Retail Consortium (BRC), que autoriza comercialização em outros países e continentes.

A notícia chega em um bom momento, com interesse sinalizado pelos Estados Unidos, Arábia Saudita, Hong Kong e Cingapura pelo produto.

O frigorífico Guarani foi o primeiro a receber a certificação e o presidente da CPC, Juan Carlos Pettengill, enfatizou durante entrevista a Rádio Nacional do Paraguai que esse tipo de certificação vai além da análise de perigos e controle crítico para refrigeradores.

“Todos os fornecedores são avaliados a cada seis meses. O processo de análise é longo, minucioso e leva tempo. Este tipo de certificação prova o alto nível de empresas de refrigeração paraguaias modernas e atualizadas, que não têm nada para invejar outras”, informa o representante da Câmara.



Sobre o que significa essa recertificação, Pettengill mencionou que “é uma cadeia de segurança alimentar e qualidade que o cliente e o consumidor final têm a certeza de que os produtos são totalmente adequados para o consumo”.

Suizos están interesados en llevar más carne paraguaya

2 de Febrero de 2018 FILADELFIA, Chaco (Marvin Duerksen, corresponsal). Una delegación de empresarios de la GVFI, importadora y distribuidora de carne a hoteles y restaurantes en Suiza, visitó ayer el frigorífico Frigochaco, de la cooperativa Fernheim en Limpio, y el miércoles algunos establecimientos ganaderos de la misma cooperativa en el Chaco, para conocer de cerca de dónde viene la carne que compran.

Los empresarios suizos observaron los animales en un establecimiento ganadero de Fernheim en el Chaco. También se interiorizaron del proceso de industrialización. / ABC Color

Desde 2003 se exporta carne, en gran parte vía aérea, bajo las marcas “Frigochaco” y “Fernheim” a Suiza. “Nuestra experiencia con la exportación de carne a Suiza es muy buena”, dijo el presidente de la cooperativa Fernheim, Heinrich Ratzlaff. Indicó que el principal limitante en la exportación de carne a Suiza es con el registro de trazabilidad de Senacsa (Sitrap) porque no hay suficientes establecimientos ganaderos inscriptos.

“Los suizos iban a comprar más carne, pero no tenemos en cantidad. El mercado europeo es un mercado muy bueno”, apuntó Ratzlaff.

Tras el recorrido en el Chaco, Samuel Sprunger, gerente de GVFI, señaló que hace muchos años está activo en el mercado mundial de la carne, tanto en Sudamérica, Estados Unidos y Australia, visitando personalmente por segunda vez el Paraguay y por primera vez establecimientos del Chaco.

ACUERDO UNIÓN EUROPEA - MERCOSUR

Unión Europea estaría dispuesta a ceder y aumentar la cuota cárnica

30/01/2018 - Estiman que la oferta prevista no superaría las 120.000 toneladas.

Son horas claves las que se viven en Europa. Los cuatro cancilleres del Mercosur están participando de una reunión, de índole político, en Bruselas con las máximas autoridades de comercio y agricultura de la Unión Europea, con el fin de determinar si siguen adelante con la etapa técnica o si se posterga el acuerdo comercial; que ha llevado varios años de negociaciones.

Hasta el momento el capítulo agrícola es el ítem que ha estado dilatando la firma del acuerdo, dado que el Mercosur pretende una cuota cárnica de 380.000 toneladas y la Unión Europea ofrece solamente 70.000 toneladas (35.000 de cortes congelados y 35.000 de enfriados).

Según la información a la que accedió Rurales El País, la Unión Europea tendría preparada una nueva oferta de carne vacuna que no superaría las 120.000 toneladas peso carcasa. Esta propuesta está siendo analizada por los cancilleres del Mercosur, quienes deberán definir si continúan trabajando para cerrar el acuerdo antes de marzo.

Desde esta región entienden que no queda mucho plazo disponible para seguir negociando, teniendo en cuenta que se aproximan las elecciones en Brasil y, además, la Unión Europea deberá concentrar sus fuerzas para iniciar negociaciones con Gran Bretaña por el Brexit.

¿Qué pasará? Restan horas decisivas donde ambas partes deberán poner sobre la balanza las fortalezas y debilidades para cerrar el acuerdo. A cambio de la ampliación de la cuota cárnica, Europa pretenden ingresar lácteos al Mercosur libre de aranceles y que las empresas constructoras puedan participar de licitaciones públicas.

UE aumentó oferta de carne a 99 mil toneladas pero aún es "insuficiente"

Enero 31, 2018 El Mercosur pretende 130 mil toneladas y trazó una línea roja para la negociación de lácteos

La Unión Europea (UE) mejoró su oferta con el Mercosur y aumentó la cuota de carne bovina de 70 mil a 99 mil toneladas, dijo el ministro de Relaciones Exteriores, Rodolfo Nin Novoa, a El Observador desde Bruselas donde los bloques están en una nueva ronda de negociación.

Sin embargo, el ministro dijo que la propuesta europea aún es "insuficiente" y que el Mercosur aspira a que se llegue a las 130 mil toneladas de cuota cárnica con preferencia arancelaria.

El Mercosur y la Unión Europea hicieron un nuevo intercambio de listas en esta ronda de negociación. En la ocasión, los europeos plantearon incorporar los lácteos a la negociación. Esto constituye una "línea roja insalvable" para el gobierno uruguayo, dijo Nin Novoa.

El ministro subrayó que no hay forma que Uruguay se abra su mercado para que compitan con los lácteos europeos que están subsidiados. "Sería destruir nuestra producción", dijo.



"No hay ninguna cuota de carne que pueda pagar el tema lácteo, porque es un asunto absolutamente sensible para nuestro país", resaltó el canciller en referencia a la crisis que sufre el sector.

Nin Novoa dijo que las máximas autoridades de la Unión Europea, entre ellos el presidente Jean-Claude Juncker, le manifestaron a los cancilleres del Mercosur la importancia que le asignaban a este acuerdo y la voluntad política de avanzar.

Sin embargo, a la hora de ir a la mesa las partes aún no logran llegar a un acuerdo. Además de la mejora de la oferta cárnica, el Mercosur pretende que se mejore la oferta de arroz.

La negociación continuará esta semana en Bruselas y en febrero es posible que se mude a Asunción (la presidencia pro t mpore del bloque est  en manos de Paraguay). Para entonces las dos organizaciones tendrán que pisar el acelerador porque el tiempo de elecciones acá y allí se aproxima.

Rechazo y preocupación de entidades agropecuarias del Mercosur

31/01/18 - por Equipe BeefPoint

Produtores agropecu rios do Mercosul se recusam a aceitar a proposta feita pela União Europeia de abertura de mercado e alertam que acordo final entre os dois blocos pode ficar desequilibrado.

Na noite de segunda-feira, 29, e na terça-feira, 30, num encontro ministerial em Bruxelas, a Comissão Europeia elevou sua oferta de abertura de 70 mil toneladas para 99 mil toneladas de carnes do Mercosul. O tema era central para destravar o impasse no processo que já dura 19 anos. O Brasil já havia deixado claro que, sem maior acesso para o segmento, não haveria um acordo.

A partir de agora, os ministros retornam aos seus países. Mas técnicos e negociadores ficam até dia 8 de fevereiro para tentar aproximar posi es e fechar a base de um acordo. Uma nova reunião já foi marcada para o dia 18, em Assun o.

Negociadores revelaram que a meta   de acelerar o processo e tentar concluir o entendimento até março. Fontes no Palácio do Planalto acreditam que o acordo   "possível".

Os europeus se reúnem nesta quarta-feira, 31, com os 28 governos do bloco e serão cobrados pelas concessões que fizeram. A Irlanda, por exemplo, deixou claro nesta semana que não aceitaria uma amplia o das cotas de carne. No entanto, a proposta que foi apresentada ao chanceler Aloysio Nunes Ferreira foi alvo de dura crítica por parte das entidades que representam o setor agropecuário no Mercosul, entre eles a Associa o Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), a Confedera o Nacional da Agricultura (CNA) e a Sociedade Rural Brasileira.

"A oferta de 99 mil toneladas de carne não cumpre o mandato de 2010 e não contempla a ambi o do setor no Mercosul", disseram os grupos, que ainda apontaram para a "falta de informa o" sobre o restante das condicionalidades. A oferta não atende às expectativas do setor agropecuário do Mercosul", insistiram as entidades, num documento assinado por Gede o Silveira Pereira, presidente da Federa o de Agricultura do Rio Grande do Sul, e enviado aos ministros do bloco.

A demanda do setor   de que a cota seja estabelecida inicialmente em 100 mil toneladas e que haja um incremento anual até atingir 160 mil toneladas por ano.

O setor também criticou a falta de "transparência" do processo. "Confi vamos que os governos do bloco buscariam um acordo amplo e equilibrado, que trouxesse reais benefícios para os produtores rurais sul-americanos", disseram as entidades na carta.

Fonte: Valor Econ mico.31/01/18 - por Equipe BeefPoint

O presidente da Associa o Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Antonio Camardelli, tem d vidas sobre a oferta de 99 mil toneladas de carne bovina com tarifa de importa o mais baixa feita pela União Europeia ao Mercosul. O que preocupa   que, na prática, a proposta pode significar pouco avanço em rela o   oferta anterior, de uma cota de 70 mil toneladas de carne bovina. Ocorre que na nova proposta, diz ele, ainda não está claro se o volume de carne da cota a que o Mercosul teria direito seria expresso em equivalente carcaça ou toneladas.

Se estiver em equivalente carcaça, como suspeita o presidente da Abiec, as 99 mil toneladas propostas pelos europeus significam 76 mil toneladas de carne bovina, o que representa pouca diferença na compara o com a oferta anterior.

Diante dessa falta de clareza, a Abiec pediu mais detalhes aos negociadores do Brasil em Bruxelas. Além disso, os exportadores também demonstram preocupa o com possíveis barreiras técnicas da União Europeia no futuro. Segundo Camardelli, mesmo se uma cota de 70 mil toneladas for aprovada,   preciso garantir que os europeus não lancem mão de embargos com argumentos sanit rios para barrar a carne do Mercosul.

IRLANDA presiona para que no se firme el Acuerdo

TheCattleSite News Desk 01 February 2018 IRELAND - IFA National Livestock Chairman Angus Woods has said the break in Mercosur talks until tomorrow is an opportunity for Agriculture Commissioner Phil Hogan to face down the Trade Commissioner and force a rethink on the sell-out of beef farmers.



He said, "Commissioner Malmstrom has already conceded way too much in the giveaway of an additional 70,000t of EU beef market access. Ireland, using all diplomatic and political channels, and Commissioner Hogan need to say bluntly: this has to stop."

Mr Woods said talk of the EU Commission renegotiating existing TRQ (tariff rate quotas) and giving further concessions to the Brazilians is nothing short of a three-card trick, "Commissioner Hogan must dig in and stop Commissioner Malmstrom in her tracks from conceding on the double to Brazil."

The IFA Livestock Chairman said, "The negotiating strategy flies in the face of everything that the EU stands for, and what is happening in terms of Brexit."

He accused the Trade Commissioner of blatantly undermining European policy and values on the environment and animal welfare.

"One arm of the Commission is prepared to do this deal and undermine the environment and animal welfare, while European farmers are asked to play their part on climate change and maintain the highest welfare standards," he said.

COPA COGECA se oponen al incremento del cupo de carnes bovinas

TheCattleSite News Desk 02 February 2018 EU - Copa and Cogeca this week opposed the EU move to raise significantly its offer on beef to 99, 000 tonnes in the trade talks with the Latin American Trade bloc Mercosur, warning it is unacceptable.

Copa and Cogeca Beef Working Party Chairman Jean-Pierre Fleury said, "Over 75 per cent of our beef imports – 246, 000 tonnes – already come from these countries and it is unacceptable that the EU has increased its offer in return for concessions in other sectors.

"We need fair and balanced trade agreements which also ensure that our market is not oversupplied, otherwise growth and jobs in our rural areas will be threatened. Now is not the time to propose this when we do not know the impact of the talks of the exit of the UK from the EU.

"With 52 per cent of Irish beef destined for the UK market, we cannot put further pressure on the EU beef market in a trade pact with the Latin American countries."

The Commission's own reports also show that they have not been able to respect the EU's phytosanitary rules, added Mr Fleury.

"Trade must be minimized too for sugar, poultry, ethanol, rice and orange juice imports to the EU. We already import huge volumes from these countries and get no reciprocity from them. We urge Member States to act before the end of the negotiations," Copa and Cogeca Secretary- General Pekka Pesonen concluded.

Aumento del cupo europeo para carne del Mercosur no es gratis: quieren entrar con lácteos

01 de febrero de 2018 La Unión Europea mejoró su oferta de carne en la negociación con el Mercosur de 70.000 a 99.000 toneladas. Pero, como contrapartida, solicitó el ingreso completo con lácteos a los países del bloque americano, informó el canciller uruguayo Rodolfo Nin Novoa entrevistado por el programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

El jerarca descartó de forma categórica la posibilidad de abrir completamente el ingreso de lácteos europeos. "Para nosotros no hay ninguna cuota de carne que pueda pagar el tema lácteos. Es un tema absolutamente sensible. Por lo tanto en eso no vamos a dar prácticamente nada. Podríamos pensar en alguna cuota de quesos que no producimos. Y para un futuro lejano. La crisis que está sufriendo el sector lácteo hace imposible que nosotros tengamos en cuenta cualquier demanda europea. Los lácteos vinieron a reabrir la discusión (...) Piden todo el mercado, leche descremada, leche entera, quesos, y eso es imposible para nosotros", insistió.

Aunque las demandas europeas aumentaron, Nin Novoa es optimista sobre alcanzar un acuerdo comercial entre los bloques para febrero. "Todo el mundo quiere firmarlo. A mí me parece que en febrero podemos terminar de acordar y lo vamos a hacer en Asunción con toda seguridad (...) yo estoy peleando optimistamente para que a fines de febrero podamos cerrar el acuerdo", estimó.

"Es una negociación compleja (...) La demanda europea viene in crescendo", sostuvo Nin Novoa, y remarcó la aspiración a lograr una cuota más alta de carne y a mejorar el ingreso con arroz. "Para nosotros (esta cuota) es insuficiente porque es con lo único con lo que ganamos en este mercado", insistió (...) Ayer el comisario de Agricultura Hogan me dijo que iba a hacer una propuesta interesante de arroz. Estamos con 45.000 toneladas y aspiramos a ampliar esa cuota", dijo.

"Han incrementado la cuota de carne de 70.000 a 99.000 toneladas. Faltan muchas definiciones sobre el tipo de carne y algunos otros aspectos que hagan que esa cuota deje de ser insuficiente para el Mercosur", señaló el canciller.

"En la medida que los europeos presentaron nuevas demandas como que el acuerdo se reabrió otra vez y en consecuencia nosotros estamos recalibrando todo lo que ellos nos han ofrecido", sostuvo a pocas horas de regresar al país, e informó que los negociadores uruguayos seguirán en Bruselas el resto de la semana.



ESTADOS UNIDOS

Existencias en feed lots aumentaron 0.8 por ciento – Recuperaron el nivel de 2012

Brenda Boetel, Department Of Agricultural Economics, University Of Wisconsin-River Falls
January 31, 2018 The United States Department of Agriculture's National Agricultural Statistics Service (USDA, NASS) released their monthly Cattle on Feed report on Friday January 26, 2018. The latest numbers released by the USDA were neutral in numbers of cattle on feed, total numbers of placements and marketings as compared to trade expectations. Total cattle on feed on January 1, 2018 numbered 11.5 million head, up 8.3 percent from January 2017 levels, at industry expectations. The number of cattle on feed is down 0.2 percent from December 2016 levels, which were the highest since March 2012.

Placements in feedlots during December totaled 1.8 million head, up 0.8 percent from 2016 and down 14.3 percent from November 2017. This seasonally expected decline in placements is the second monthly decline during calendar 2017 and the first since February. Placements were lower than the typically experienced seasonal decline of about 10 percent, in part due to the exceptionally high number placed in November as well as the current dryness and deteriorating pasture quality in the Southern Plains. Placements were down 7.6% in Colorado, up 1.3% in Kansas, up 2.2% in Nebraska, and up 5.5% in Texas.

December 2017 placements were lighter-weight than in 2016. Cattle placed under 600 pounds in December 2017 were up 8 percent compared to 2016, whereas all other weight categories saw year-over-year percentage decreases in placements. These lighter weight cattle will spend more time on feed and not be market-ready until later in 2018. Based on growing cattle supplies the current increase in placements will likely continue although at a decreasing rate. The moderating placement rates, continued growth in the calf crop, and fewer heifers being held as replacements will continue to increase feeder cattle supplies and eventually larger beef production.

December marketings, at 1.75 million head, were down 1.4 percent but in line with industry expectations. December 2017 had one less marketing day than 2016. When adjusting for the difference in marketing days, marketings are about 4.1 percent above December 2016.

February 1, 2018 Feedlots are getting back to levels not seen in five years. (Wyatt Bechtel)

USDA's Jan. 26 Cattle on Feed report revealed Jan. 1 cattle and calves on feed for the slaughter market reached 11.5 million head, up 8 percent over prior-year levels and in line with the average trade estimate of an 8-percent increase. For three consecutive months U.S. cattle on feed has been above 11 million head, suggesting that cattle inventory levels are now back to 2012 levels.

On a volume basis, the number of cattle on feed on Jan. 1 surged by 884,000 head above year-ago levels, representing the largest volume increase in more than a decade. December's increase in cattle on feed continues the growth experienced in the sector during each month of 2017. In fact, the number of cattle on feed has been above prior-year levels in 21 out of the last 24 months.

The number of cattle on feed was the highest in Texas, Nebraska and Kansas, where a combined 7.5 million cattle were on feed, Figure 1. States with the largest increases during December included Texas, Nebraska, Kansas and Iowa, which added a combined 680,000 head, i.e. placements minus marketings, i.e. sales for slaughter, and other uses. Of the major states reported, only Idaho saw a reduction in the number of cattle on feed compared to a year ago. On a percentage basis, states with the largest increase in cattle on feed were Iowa, California, Washington and Nebraska, Figure 2.

The high levels of cattle on feed are the result of more animals being placed on feedlots due to widespread drought and limited forage across the U.S. Marketings, however, have remained current and the number of cattle on feed is not a concern, but marketing will need to continue to keep pace. The number of head placed in feedlots during December 2017 totaled 1.8 million head, an increase of less than 1 percent over year-ago levels. This was above the average trade estimate of a 3-percent decline in placements. On a volume basis, placements were up 14,000 head. December saw a decline in the number of marketings, the first year-over-year figure to drop since July -2016. Marketings of fed cattle during December 2017 were 1.75 million head, down 1.4 percent or 25,000 head from prior-year levels and in line with the average trade estimate. Finally, other disappearance came in at 74,000 head, up sharply from prior-year levels. Year-over-year changes in cattle on feed, placements and marketings are found in Figure 3.

Implications

What the weather holds for 2018 has yet to be seen, but given the dryness and reduction in hay yields, forage is expected to be tight at the very least until late spring (Read: Drought Expands Across the U.S.). With larger supplies already on feed, cattle prices are expected to be lower this year. Strong demand in 2017 left the cattle industry pleasantly surprised, with cattle prices remaining firm late in the year. This could very well happen again, but for now, expect annual average prices to be down about 5 percent on the fed side and 3 percent for feeder weights.



USDA recently raised 2018 beef production due to increased cattle placements in late 2017 and expected heavier marketings and weights early in 2018. Beef production in 2018 is projected to increase 6 percent, to 27.8 billion pounds on a carcass weight equivalent. If realized, this would be record-high U.S. beef production. With additional supplies coming online in 2018, USDA projects exports will increase marginally and domestic consumption will increase by nearly 3 pounds per capita to 59.4 pounds per capita, the highest beef consumption figure since 2010.

Retención de existencias en desaceleración

January 31, 2018 Fewer replacement heifer inventories as of Jan. 1, down 4%, suggests producers are scaling back herd expansion. Cattle herd expansion continued in 2017, according to USDA-National Agricultural Statistics Service's 2018 Cattle Inventory Report, although at a much slower pace than 2016. The report shows inventories of beef cows and heifers calved were up 2% as of Jan. 1, 2018.

Connecticut, New Jersey and Pennsylvania saw the greatest percent change in beef cow herd numbers since 2017. South Dakota was one of the more notable results—showing an 8% increase from 2017 in beef cows calved. Louisiana, Mississippi and Missouri each showed a 5% increase. Use the table below to sort the data by state, inventory (reported in 1,000 head) and percent change from the previous year.

Replacement heifer inventories as of Jan. 1, were down 4%, suggesting producers are scaling back intentions to continue growing the herd into 2018.

Report Highlights:

As of Jan. 1, 2018, all cattle and calves in the U.S. totaled 94.4 million head, 1% above the 93.7 million head on Jan. 1, 2017.

All cows and heifers that have calved, at 41.1 million head, were 1% above 2017's 40.6 million head. Beef cows, at 31.7 million head, were up 2% from a year ago. Milk cows, at 9.40 million head, were up 1% from the previous year.

All heifers 500 lb. and over, as of January 1, 2018, totaled 20.2 million head, 1% above the 20.1 million head on January 1, 2017. Beef replacement heifers, at 6.13 million head, were down 4% from a year ago. Milk replacement heifers, at 4.78 million head, were up 1%. Other heifers, at 9.33 million head, 4% above a year earlier.

Steers weighing 500 lb. and over, as of Jan. 1, 2018, totaled 16.4 million head, down slightly from January 1, 2017.

Bulls weighing 500 lb. and over, as of Jan. 1, 2018, totaled 2.25 million head, up slightly from 2017.

Calves under 500 lb., as of January 1, 2018, totaled 14.4 million head, up slightly from the 2017 report.

Cattle and calves on feed for the slaughter market in the U.S. for all feedlots totaled 14.0 million head on January 1, 2018. The inventory is up 7% from the January 1, 2017 total of 13.1 million head. Cattle on feed, in feedlots with capacity of 1,000 or more head, accounted for 82% of the total cattle on feed on January 1, 2018, up 1% from the previous year. The combined total of calves under 500 lb. and other heifers and steers over 500 lb. (outside of feedlots) is 26.1 million head, 2% below one year ago.

Calf Crop Up 2%

The 2017 calf crop in the U.S. was estimated at 35.8 million head, up 2% from last year's calf crop. Calves born during the first half of 2017 were estimated at 26.0 million head, up 2% from the first half of 2016. Calves born during the second half of 2017 were estimated at 9.81 million head, 27% of the total 2017 calf crop.

Outlook sobre la rentabilidad del sector en 2018

Andrew P. Griffith, University Of Tennessee

January 26, 2018 What will 2018 hold in store for cattle prices? It always seems appropriate to start the new year with an outlook of what is expected in the coming 12 months. The important word here is "expected," because the writer of this article has been consistently wrong the past several years which should be expected again! Maybe Bob Uecker said it best when he said, "I led the league in 'Go get 'em next time.'" Similarly, Winston Churchill said, "Success is the ability to go from one failure to another with no loss of enthusiasm." Thus, there is no reason to stop failing now and just continue doing it with as much gusto as possible.

Cattle prices in 2017 turned out much better than projected. Projections for 2017 were largely based on the precipitous decline in cattle prices during the third and fourth quarter of 2016. As the price decline through the back half of 2016 persisted, many analysts and producers were doom and gloom on cattle markets in 2017. However, once 2017 arrived, calf and feeder cattle prices began to escalate and did so through May and into June before finding a narrow trading range for the remainder of the year. From June through the end of 2017, 500 to 600 pounds steers traded in a range from \$140 to \$160 per hundredweight based on Tennessee weekly auction averages while 700 to 800 pound steers traded in a range from \$125 to \$145 per hundredweight.



The upward price movement the first half of 2017 and the steady range the back half of the year resulted in 500 to 600 pound steer prices averaging about \$145 per hundredweight for the year which is 1 percent higher than 2016 prices. Similarly, the annual average price for 700 to 800 pound steers increased 1.9 percent compared to 2016 while finished cattle prices were about 0.5 percent higher than 2016 with a price near \$121. The loser in the market was slaughter cows with prices declining 11.7 percent compared to 2016.

As expectations and projections are developed, there are several aspects of the market that must be considered but most of them boil down to domestic and international meat supply and demand. Domestic beef, pork, and poultry production are expected to continue increasing in 2018 which means the meat has to be absorbed by the domestic market or moved through international channels. Domestic beef demand has been strong throughout 2017 as retail beef prices have softened and as consumer discretionary spending has increased modestly. Similarly, beef exports have been surging for about a year and a half which has helped clear the market. The ability to continue moving pork items through international markets and hoping for resurgence in poultry exports should provide some relief from increased meat production.

Though the ideal market would result in increased exports, there are several policy issues that could influence trade. NAFTA renegotiations are an important part of 2018 cattle prices as is continuing to increase exports to China. Similarly, it is going to be important to work on trade deals with Japan and other Pacific trading partners to reduce tariff rates and to achieve more competitive trade agreements.

Though supply and demand significantly impact prices in the long-run, the market does not always trade on long-run fundamentals and many cattle producers operate in the short-run. Thus, it is integral to have some idea of the direction of prices and magnitude of prices throughout 2018.

Don't bet the farm on these projections. The market is expected to continue slowly returning to a more seasonal price pattern. Thus, producers can expect cattle prices to trade above year ago levels in the first quarter of 2018 with 500 to 600 pound calves averaging \$145 to \$155 per hundredweight in Tennessee while prices will slip in the second quarter and average between \$140 and \$150. Similarly, third and fourth quarter prices will continue to decline with averages in the \$130 to \$140 range and \$125 to \$135 range respectively.

Yearling cattle prices are not expected to range as widely as lighter weight cattle prices. Load lots (50,000 pounds) of 750 to 900 pound feeder cattle coming out of Tennessee are expected to average \$140 to \$150 per hundredweight during the first quarter while prices will likely strengthen around \$5 moving into the second quarter. Third quarter prices will remain fairly strong and continue trading in the \$145 to \$155 range while prices are expected to soften in the fourth quarter of 2018 to \$135 to \$145.

Again, producers should not bet the farm on these expectations as price projections will likely change tomorrow.

NCBA: TPP es una oportunidad perdida sin EE.UU.

30 January 2018 US - Last week, there were news reports that eleven nations have finalised a revised version of the Trans-Pacific Partnership without the United States.

In response to the reports, Kent Bacus, the National Cattlemen's Beef Association's (NCBA) Director of International Trade and Market Access, said: "Withdrawing from TPP was a missed opportunity for the United States to gain greater access to some of the world's most vibrant and growing markets.

"As we now enter a pivotal round of NAFTA negotiations, the last thing we need is to take a step backwards in our relationships with Canada and Mexico.

"We encourage negotiators in Montreal to continue building on the progress made in previous rounds so the United States can focus on tearing down trade barriers in Asia and around the world.

"Unfortunately, the US Senate's unwillingness to confirm key negotiators like Gregg Doud as the Chief Agricultural Negotiator, leaves the ag sector unfairly underrepresented at the world's negotiating tables.

"It's imperative that the Senate confirm Doud and the many other unconfirmed nominees as soon as possible."

The group have also called for US Senate to Gregg Doud as Chief Ag Negotiator as NAFTA talks resume

Precios más altos para la carne importada de los Estados Unidos

01 de febrero de 2018 Un reporte del Meat and Livestock de Australia (MLA) señala que los precios de la carne vacuna importada de Estados Unidos aumentaron esta semana, como resultado de las restricciones de la oferta y los mayores precios que piden los envasadores extranjeros.

Una combinación de factores, incluido las condiciones climáticas en Australia, los precios de los lácteos más débiles en Nueva Zelanda y el creciente suministro de carne vacuna de EE.UU. ha llevado a los participantes del mercado bajista a esperar y ver antes de cubrir los suministros para marzo y abril.

Según el USDA, el número de cabezas de ganado en los Estados Unidos, a partir del 1 de enero, fue 8,3% más alto que hace un año. La demanda interna y de exportación continuará aumentando: se estima que las exportaciones de carne de EE.UU. en enero aumentarán un 15% respecto al año anterior. El



informe del USDA sobre ganado en pie también indica que la retención de hembras para la reconstrucción del rodeo de EE.UU. casi ha llegado a su fin, dado que la colocación total de las vaquillonas se ha correspondido con los ciclos de ganado anteriores.

COREA DEL SUR: nuevas oportunidades para los exportadores americanos

TheCattleSite News Desk 02 February 2018

- Sharing new menu trends with restaurants and food-service companies that have set up shop on Korea's Jeju Island, USMEF conducted a US red meat seminar for more than 70 food distributors and suppliers.

The seminar, funded by the USDA Market Access Program (MAP), the Pork Checkoff and the Beef Checkoff Program, followed last year's initial, very successful effort on the island.

"As more Koreans buy homes on Jeju Island and more restaurants and foodservice companies open there to serve them, it's a great time to familiarize these businesses with US pork and beef," said Jihae Yang, USMEF director in South Korea.

"USMEF also invited US pork and beef suppliers who are interested in supplying Jeju Island. We also arranged meetings between suppliers and attendees after the seminar."

Alex Choi, USMEF assistant marketing manager in Korea, gave seminar participants an overview of US pork and beef production and the current pricing situation.

Mr Choi also provided information on US hog and cattle breeds, the USDA grading system and various marketing programs and branded products in the Korean market.

Elly Sung, USMEF marketing manager in Korea, discussed restaurant menu trends and specifically addressed the attributes of US dry-aged beef. She introduced steak menu concepts featuring both bone-in and boneless steak cuts.

Ms Sung also detailed the growth of premium burgers and sandwiches in the Korean market, as well as the popularity of menu items using processed pork products.

Junil Park, USMEF senior marketing manager, used a cutting demonstration to offer merchandising suggestions for cuts that can serve as economical alternatives to higher-priced meat items.

He demonstrated a trimming method using US beef brisket, flap meat, hanging tender, top blade, clod and center of heel.

USMEF displayed US pork Boston butt, back ribs, spare ribs and processed items, along with US beef short ribs, chuck short ribs, brisket, chuck roll, short plate, petite tender, hanging tender, center of heel, bone-in ribeye roll, short loin, clod, outside skirt, flap meat, flat iron and back ribs and dry-aged ribeye.

Various Korean, Chinese, Japanese and western style US pork and beef samples were prepared for participants.

After the seminar, USMEF gave out US pork and beef sample packages so attendees could take the products back to work and test them with their own cooking styles.

"The food industry on Jeju Island is less exposed to US meat, and distribution channels are not as firmly established as they are on the mainland," said Ms Sung.

"The sample packages allowed each company to test products after the seminar, and we believe they will ultimately increase the level of interest in US meat."

Ms Yang said the effort to promote US pork and beef on Jeju Island will continue – and for good reason.

"Rather than being focused only on sightseeing, Jeju Island is becoming a destination for relaxing and eating well, and its economy has been booming," she explained.

"Even though food consumption is still heavily focused on local seafood and black pork, trends are changing because of the growing number of people moving in from the mainland.

"The number of foodservice outlets has increased, too – from major five-star hotels to small boutique hotels.

"Many chefs from Seoul have moved to Jeju Island to launch restaurants, and overall meat demand has steadily increased."

VARIOS

CANADA: aprobó el ingreso de carne para manufactura del REINO UNIDO

31 January 2018 - Manufacturing beef from the UK can now be exported to the lucrative Canadian market after approval was given by inspectors.

Work involving the Agriculture & Horticulture Development Board (AHDB), Defra, the FSA, UK Export Certification Partnership (UKECP), Quality Meat Scotland and HCC Meat Promotion Wales, had been ongoing for a number of years before initial agreement was reached in 2015.

The agreement covered both primal cuts and manufacturing beef, but since then UK officials have been working to ensure manufacturing beef could be tested to the required microbiological standards required by the Canadian authorities.



This regime is now in place and has been robustly evaluated to UKAS standards, allowing shipments to begin immediately.

Dr Phil Hadley, AHDB International Market Development Director, said: "This is fantastic news and comes after a lot of hard work by all parties involved.

"We already have market access for sheepmeat into Canada and beef primals have been going over since 2015. To have reached a stage where we have all the testing in place to satisfy inspectors with regards to E.coli is brilliant.

"This is a great opportunity for processors and producers in the UK and is another outlet for our product, which in turn helps underpin farmgate prices."

In 2016, Canada imported 147,000 tonnes of fresh and frozen beef. Of this, 55 per cent came from the US. The UK sent 412 tonnes of primal cuts.

AUSTRALIA: Perspectivas de una oferta ganadera ajustada en 2018

30 January 2018

Key points:

- Ongoing herd rebuild to restrict cattle flow in 2018

- Adult slaughter expected to lift 3% to 7.4 million head

- Cattle on feed forecast to ease after a record year in 2017

- Strong competition from US and Brazil expected to place pressure on global beef prices

Cattle supplies are likely to remain tight in 2018 with only a small increase expected in adult slaughter to 7.4 million head as the herd rebuild continues, according to Meat & Livestock Australia's 2018 Cattle Industry Projections.

MLA's Market Intelligence Manager, Scott Tolmie, said the dry winter and spring across many parts of Australia saw a higher than expected turn-off in the second half of 2017, temporarily halting the herd rebuilding efforts of producers in affected areas.

"This has meant many young cattle were pushed into feedlots in 2017 due to lack of decent pasture – stock that otherwise would have been finished in the paddock and come to market in 2018," Mr Tolmie said.

"This is part of the reason there is an expectation of tighter slaughter numbers than previously forecast in 2018, as these producers, particularly in Queensland, look to rekindle rebuilding efforts.

"If the three-month rainfall outlook from the Bureau of Meteorology comes to fruition for February to April, it is likely to see tight supplies in certain regions, particularly through the mid part of the year."

Mr Tolmie said carcass weights are expected to ease back in line with long-term trends after a record year in 2017 when carcass weights averaged 298kg. "An easing of carcass weights combined with a forecast increase in slaughter is expected to result in total beef production this year lifting 1% to 2.17 million tonnes cwt," Mr Tolmie said.

"That's an increase on both 2016 and 2017 figures, but well down on the drought impacted levels of 2013-2015. Overall, the modest increase in slaughter is expected to more than outweigh the anticipated drop in carcass weights."

Expectations are for a drop in the number of cattle on feed after a record year in 2017, which saw three consecutive quarters with over one million head on feed.

"A decline towards the 850,000 to 950,000 head mark is expected, driven by higher grain prices combined with a growing gap between feeder and grain finished cattle prices (cents/kg)," Mr Tolmie said.

"This is being underpinned by restockers continuing to pay premiums in the young cattle market and increased US competition in key grainfed export markets."

Mr Tolmie said 2018 was shaping up as a challenging year for Australian beef exports, with expected increases in production and exports from many major competitors, including the US and Brazil.

"Australian beef exports will be competing in a global market with a very strong supply of beef. With the increased supply, global beef prices should come under pressure, reinforcing the need for Australia to continually position itself as a superior supplier of high quality product," Mr Tolmie said.

"Australian beef exports are expected to slightly increase to 1.04 million tonnes shipped weight in 2018, in line with growing production. Although this increase is not much on 2017 and is down on 2013-2015 levels, it will still be bigger than any year prior to 2013."

Mr Tolmie said cattle prices are likely to come under pressure in 2018 as international competition intensifies and supply increases.

"Restocker interest throughout the year will be a key driver of the Eastern Young Cattle Indicator (EYCI)," Mr Tolmie said.

"The rally we saw in October/November 2017, due to some good rainfall across Queensland and NSW, demonstrated restocker intent given the right conditions."



MARRUECOS: aprobó el ingreso de carnes bovinas de RUSIA

29 January 2018- The Russian Federal Service for Veterinary and Phytosanitary Surveillance announced on Saturday that Moroccan authorities have approved the import of Russia's beef products.

According to Morocco World News, an official statement read: "The Kingdom of Morocco will open its market to Russian beef and beef products, which will help increase the volume of trade between the two countries."

The approval came after a Moroccan delegation of the National Office for the Sanitary Safety of Food Products (ONSSA) visited Russian meat companies "to ensure compliance with veterinary and sanitary standards in Morocco."

"The volume of bilateral trade should be in line with the potential of both countries and their strong economic relations," added the statement.

The competent authorities of both countries "will soon adopt veterinary certificates to accompany meat deliveries in Morocco."

The two parties also signed a veterinary certification for deliveries of fish, as well as vegetable and beekeeping productions, to Morocco.

BIELORUSIA: planta realizó el primer embarque para CHINA

TheCattleSite News Desk 30 January 2018 BELARUS - Mogilev Meat Packing Plant has sent the first batch of beef to China, BelTA learned from the company's director Vladimir Latygovsky.

Mr Latygovsky told BelTA: "The first batch of frozen meat was shipped to China on 27 January. The meat was carved and packed in line with the Chinese requirements.

"The products are expected to hit the Chinese store shelves at the end of this week or in the beginning of the next one.

"When we know the demand for our meat and the results of the quality compliance assessment, we will understand the prospects for cooperation and will start working on the logistics of further supplies."

Although the project co-implemented with China holds great promise, it requires additional investments in increasing the supply of raw materials.

This is what the company is doing at the moment, the official said. The plant is developing beef cattle farms in Krichev District, Slavgorod District, and Khotimsk District.

Mr Latygovsky said: "The negotiations took over a year. In accordance with the agreements we reached, the Chinese partners are ready to buy large amounts of beef.

"We also hope to start exporting sausages in the future, since many companies have showed interest in these products.

"The negotiations on this matter continue, just like our study of the Chinese market. The most important thing, however, is to agree on the price."

Founded in 1905, Mogilev Meat Packing Plant is one of the largest meat manufacturers in Belarus. The company sells over 300 meat products, including sausages, pork and poultry, by-products, semi-finished goods, and dumplings.

EMPRESARIAS

Cargill invierte US\$ 4,2 millones en una planta (EE.UU)

1/02/18 - por Equipe BeefPoint A Cargill Protein vai investir US \$ 4,2 milhões em sua planta de Columbia na Carolina do Sul para atender a crescente demanda por carne bovina.

O investimento se concentrará na expansão de suas capacidades de moagem para clientes de carne bovina em todo o leste dos EUA. Os fundos serão destinados a equipamentos de moagem de precisão que asseguram produtos de carne moída consistentes e de alta qualidade para clientes.

O novo equipamento deverá ser instalado até maio de 2018 e, quando concluído, aumentará a produção da planta em 15%.

John Keating, presidente de operações comerciais e cadeia de suprimentos da Cargill Protein, disse: "A Cargill comprou a instalação da Columbia em 2016 e hoje temos mais de 200 funcionários da Columbia que entregam carne de alta qualidade aos nossos clientes dos EUA. Este investimento mostra nosso compromisso com a indústria de carne bovina no leste dos EUA e nos permite atender às crescentes demandas dos clientes de carne da região, através da instalação de tecnologias de produção de alto desempenho."

Cargill continua investindo em seu império de carne

A Cargill Protein investiu cerca de US \$ 850 milhões nos últimos dois anos em todo os EUA e no Canadá, incluindo: uma conversão de plantas de carnes cozidas de US \$ 111 milhões na Nebraska; uma expansão de instalações de processamento de ovos de US \$ 27 milhões em Michigan; um centro de distribuição de US \$ 50 milhões em sua planta de carne de Kansas; uma expansão de US \$ 146 milhões de uma



instalação de carnes cozidas no Tennessee; e aquisições de instalações de processamento de carne no Texas, Carolina do Sul e Tennessee.

Em janeiro, a Cargill divulgou os resultados da negociação no segundo trimestre fiscal do ano e destacou a crescente demanda por carne bovina.

Fonte: GlobalMeatNews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoin